

## A ESCOLHA

Por Daniele Moura da Silveira<sup>1</sup>

Estava pálida como a folha branca que tinha nas mãos. Por instantes o tempo parou e até a respiração ficou suspensa. Era possível notar as dobras que se formaram na testa, as sobrancelhas levantadas e o olhar fixo procurando explicação. Não entendia o porquê. Na verdade, não queria acreditar no que estava lendo.

A palpitação dentro de mim ecoava como a sinfonia de tchaikovsky naquela enorme sala. Era possível sentir as batidas do coração que se mesclavam aos passos acelerados sobre o piso claro de cheiro acentuado. Apenas uma palavra, mas 20 minutos se passaram desde que me entregaram aquele papel e lia, lia, pensava, sussurrava inúmeras pequenas preces. As mãos úmidas embaçavam as letras recém impressas, e o suor percorria caminhos diferentes na têmpera criando verdadeiros labirintos performáticos.

Foi então, que uma lágrima escorreu, até encontrar abrigo no vestido que usava, a gota cor gelo contrastava com o branco e crivava um verdadeiro poço de uma só lágrima que pairava em meu colo, os redondos brincos de pérolas que usava refletiam o brilho do meu olhar de esperança, brilho esse que se apagou. Rasguei a folha assinada pelo médico responsável pelo exame laboratorial, levantei-me, levei os pedaços ao lixo; ergui a cabeça e indo em direção à saída, da enorme enfermaria retirei o cateter que carregava.

---

<sup>1</sup> Daniele Moura é carioca, paradoxal, crítica, interessada em arte, educação, literatura e principalmente na interface misteriosa entre elas. Adora teorizar sobre o comportamento humano e deseja passar a vida inteira viajando e escrevendo.